6.º ANO — LISBOA—SEXTA-FEIRA, 23 DE ABRIL DE 1926 — N.º 1547

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 198 Redacção: T. 316
Endereço telegrafico: DIBO.

A QUESTÃO dos Tabacos produziu ontem, nos deputados, não só fumo, mas tambem labaredas.

A discussão sôbre o regime provisorio marcou uma temperatura... de fogo.

Num dado momento, o governo tremeu, ameaçado na sua existencia.

O discurso do sr. presidente do ministerio deu a impressão a muita gente de que era um discurso de oposição—uma verrina contra a *co régie*.

—Porque procedeu o sr. Antonio Maria da Silva com tamanha leviandade, colocando sôbre a cabeça do sr. ministro das Finanças as culpas que lhe pertencem?

Esta pergunta intrigou a Camara. Alguem que bebe do fino disse-nos:

—«O presidente do ministerio quiz unicamente fazer uma sondagem para determinar até que ponto pode contar com a maioria. A experiencia esclareceu-o devidamente. Ficou percebendo que tem de andar com muita cautela. As oposições mostraram-lhe os dentes—o que tambem o ajudou a formar uma opinião sôbre os espinhos que o rodeiam. A questão dos Tabacos é uma pedra de toque pelo que respeita á resistencia dos governos. Se estes se interessam a valer por uma certa solução, levantam contra si os que advogam uma solução contraria. A *régie* não acha simpatias no publico, nem tão pouco o produto hibrido chamado *co régie*.

O monopolio, com ou sem motivo, não gosa das simpatias de ninguem. O regime de liberdade de fabrico, importação e venda reune os aplausos da nação e da imprensa. Estranha-se que um partido, o mais forte da Republica, tome posições contra um tão claro movimento de opinião.

O sr. Antonio Maria da Silva, em tempos que não vão longe, foi tambem um defensor do ultimo dos três sistemas.

Porque mudou de pensar?

Ele afirma que em politica são as circunstancias que mandam. As teorias são obrigadas a amoldar-se aos factos. Poderemos mencionar entre estes o calor com que a esquerda democratica se bateu pela liberdade contra o monopolio e a *régie*? Inclino-me a admitir que se o sr. dr. José Domingues dos Santos pugnasse pela *régie*, o sr. Antonio Maria da Silva não lhe seguiria o exemplo.

As paixões dos homens mandam ainda mais que as circunstancias e os acontecimentos.

Quem se convencerá de que, na hipotese da proposta ministerial alcançar aprovação, a questão dos tabacos se acha resolvida?

O triunfo do P. R. P. representará simplesmente uma combinação arimetica de votos, um acervo de vozes sem repercussão nacional.

A nação não cede na afirmação de sua vontade.

Ora esta, por mais que o queiram encobrir, não secunda os que num problema tão importante cuidam do menos, desprezando o mais.»

* * *

CONTINUA ainda doente o nosso querido amigo Antonio Vieira Pinto que, depois de regressar de Coimbra, onde os seus padecimentos se agravaram, começou a sentir algumas melhoras que, felizmente, se acentuam.

Fazemos votos pelo seu pronto restabelecimento.

* * *

DERAM NOS o prazer da sua visita o ilustre ministro de Cuba, sr. dr. Antonio Iraizoz, e o secretario de legação, sr. Eduino de Móra.

O ministro DA MARINHA fala ao "Diario de Lisboa" sobre a politica naval do governo

Ha longos meses que dorme no seio das comissões parlamentares uma proposta do sr. ministro da Marinha, relativa a novas construcções navais, proposta que foi renovada na actual sessão legislativa e á qual a comissão de Marinha deu já parecer favoravel.

No patriotico desejo de realizar o objectivo do governo sobre politica naval, o comandante Pereira da Silva interessou-se junto do presidente da Camara dos Deputados e dos *leaders* dos diferentes partidos, para que o seu programa de construções navais fosse juntamente discutido com a proposta orçamental do ministerio da Marinha.

São já conhecidos os propositos do comandante Pereira da Silva, em materia de politica naval. O relatorio que precede a proposta expõe claramente o pensamento do ilustre marinheiro, que é já hoje o pensamento da Nação. E ao proprio Almirantado Britanico mereceu interesse o plano, embora modesto, do chefe da Armada Portuguesa, interesse que se traduziu na homenagem, altamente honrosa para o país, que o mesmo Almirantado lhe prestou, por ocasião das manobras navais da esquadra do Atlantico.

A questão da marinha de guerra é hoje um problema nacional e são principalmente as forças politicas nacionais que devem tomar conta dele, a fim de se tornar uma realidade o ressurgimento do nosso poder maritimo.

Conversando com um redactor do *Diario de Lisboa*, o sr. ministro da Marinha declarou o seguinte:

—Agora que todo o sistema organico do meu ministerio, bem como dos serviços da Armada e do fomento maritimo se encontram remodelados e estabilizados, a minha principal preocupação—por assim dizer, dominante—é o problema da politica naval do governo. Desde que este problema não mereça interesse e dele se não ocupe o Parlamento, está naturalmente prejudicado o exercicio das minhas funções como ministro.

E o comandante Pereira da Silva acrescenta:

—Mas o programa de politica naval apresentado ao Parlamento ainda se justifica pela necessidade de renovamento do material flutuante da Armada, em consequencia da idade avançada das respectivas unidades.

Resumindo o estado da nossa marinha de guerra:

—Em sintese, a nossa marinha não tem valôr apreciavel para a guerra, nem pela idade da maior parte dos seus elementos constitutivos, nem tão pouco pelas caracteristicas dos seus tipos. E até pelo lado do rendimento economico do nosso material naval se impõe a necessidade do seu renovamento. Se fossemos aplicar o criterio de fazer abater da lista dos navios da Armada todos aqueles que, pela sua idade e pelo seu estado, se encontram irremediavelmente condenados, não nos ficariam elementos para a constituição de forças navais, nem tão pouco para as exigencias actuais e correntes do tempo de paz. Deste modo, haveria seguramente descontinuidade de educação e de instrução do pessoal da Armada e ficaria o Estado desprovido de meios de acção necessarios para agir no campo naval, pois mesmo em tempo de paz ha muitas vezes necessidade de utilisar as nossas forças navais, tais como elas actualmente existem—ainda que modestas—em operações de soberania colonial.

«Assim, temos que suportar os pesados encargos de reparações em navios de avançada idade, quando a solução economica mais conveniente seria abatê-los ao efectivo, desde que fôssem substituidos por novos elementos.

«Vejamos como é pequeno o inventario da nossa marinha de guerra: quatro cruzadores de modesto valor militar; quatro contra-torpedeiros de 600 toneladas, em bom estado, e um contra-torpedeiro mais antiquado; quatro torpedeiros de 250 toneladas, em bom estado; tres submersiveis do mesmo tipo e um mais antiquado, ainda utilizavel; dois centros de aviação naval, ainda incompletamente dotados, mas com material em bom estado; cinco canhoneiras do mesmo tipo, e em curto prazo oito, que podem ser utilizadas no lançamento de minas defensivas; dois transportes, algumas canhoneiras antigas e diversos barcos auxiliares.

«Conquanto de valor militar deficiente, é uma representação aproximada da nossa marinha de guerra futura, em atenção á politica naval que nos convém seguir. Com efeito, contando com os actuais elementos, podemos constituir uma Armada formada pelos seguintes agrupamentos tacticos, sensivelmente homogeneos: uma divisão de quatro cruzadores; uma flotilha ligeira de nove unidades; uma esquadrilha de quatro submersiveis; uma esquadrilha de seis canhoneiras, lança-minas defensivas; esquadrilhas de aviação naval, e como serviços auxiliares: dois transportes e um rebocador.

«As necessidades mais urgentes e actuais da nossa Armada consistem na intensificação da instrução tecnica, profissional e moral. Esta instrução deve iniciar-se nas escolas preparatorias e de aplicação que possuimos, completando-se nas forças, unidades e serviços da Armada. Todas as nossas escolas preparatorias e de aplicação foram remodeladas no decurso da minha vida ministerial; resta agora efectivar a instrução segundo os metodos delineados nos diversos diplomas já conhecidos.

«Para o estudo e resolução dos diversos problemas estrategicos e taticos que interessam á nossa acção naval, serve bem a Armada que possuimos, sendo certo que, se os nossos almirantes, comandantes, oficiais e guarnições se treinarem na condução e utilisação das forças com que actualmente contamos, ficarão em condições de eficientemente dirigirem, comandarem e utilisarem as forças da futura Armada, dada a analogia dos elementos constitutivos de uma e outra.

E a uma pergunta que lhe fizemos, o comandante Pereira da Silva responde:

—E' certo que correram boatos sobre a venda, por parte da Inglaterra, de cruzadores ligeiros a Portugal. Devo opôr-lhe o mais formal desmentido. O artigo 18.º da Conferencia de limitação de armamentos de Washington diz o seguinte:

«Cada uma das potencias contratantes compromete-se a não dispôr, por cedencia, venda ou transferencia, de qualquer navio, e de modo tal que um navio se não possa transformar em unidade de guerra na marinha de qualquer potencia estrangeira».

HOJE, no Senado, o parlamentar pelas ilhas, sr. Martins Ferreira, teceu, com grande entusiasmo, o elogio da nossa aviação maritima e, aludindo á bravura e intrepidez dos ilustres oficiais que iniciaram o «raid» Lisboa-Madeira-Açores, propôz que seja consignado na acta um voto de congratulação pela sua chegada ao Funchal.

Associaram-se ao voto os srs. Querubim Guimarães (monarquico), Vasco Marques (unionista), Caldeira Queiroz e Vicente Ramos (independentes), Carlos Costa (democratico), Julio Dantas (nacionalista), Machado Serpa e Virgolino Chaves (em seu nome pessoal), e ministro da Justiça (pelo governo).

O voto foi aprovado por unanimidade, e todos os oradores lamentaram que os aparelhos subam sem possuirem os requisitos que lhes garantam a certesa de comunicações.

Os mesmos senadores tiveram, tambem, palavras carinhosas para os pescadores ilhéus que transportaram o aparelho e os seus tripulantes para lugar seguro.

* * *

INFORMA a Agencia Havas que, do inquerito feito pela policia em Lourenço Marques, se conclui que o assassinio do capitão Henrique de Sousa, cometido em 4 do corrente, foi um acto de vingança de certas pessoas afectadas pela supressão do Casino—cujo encerramento o comissario de policia, capitão Sousa, ordenára, depois de uma busca nele realizado—particularmente o proprietario Serafim Pombal e o porteiro Martins, que planearam o crime, tendo conseguido a cumplicidade de outras pessoas. As seis pessoas presas como implicadas no caso são: Serafim Pombal, proprietario do Casino; Martins, porteiro; João Ramos, caldeireiro; Salvador Cardiga, ex-ferroviario; Francisco Rodrigues e Ernesto de Sousa, tipografos.

* * *

O GOVERNO de Sua Magestade Catolica, por proposta de D. Alexandre Padilla, ilustre ministro de Espanha em Lisboa, agraciou com a Cruz de Afonso XII, destinada a premiar o merito artistico, M.me Vercruysse de Sá, distintissima professora do nosso Conservatorio Musical e harpista insigne. O *Diario de Lisboa* apresenta-lhe os seus cumprimentos, felicitando-a por tamanha honra.

* * *

O SR. Vicente Ferreira teve hoje uma demorada conferencia com o sr. dr. Manuel Fratel, director geral das colonias do Ocidente, sobre assuntos referentes á provincia de Angola. Parece assente que o sr. Vicente Ferreira aceitará o convite do governo para desempenhar o cargo de Alto Comissario naquela provincia ultramarina.

* * *

REALIZA-SE amanhã, no Salão Nobre de S. Carlos, pelas 17 horas e meia, a anunciada conferencia do sr. dr. Manuel de Sousa Pinto, acêrca dos romancistas brasileiros, que será ilustrada com a leitura de varios trechos de prosa pelos artistas Ilda Stichini e Alexandre de Azevedo.

* * *

PARTIRAM hoje, no «sud-express», com destino a Londres, os srs. contra almirante Ernesto de Vasconcelos e coronel de engenharia Roma Machado, que embarcarão na Inglaterra para a Africa do Sul, onde vão ocupar-se da delimitação da fronteira do sul de Angola.

Esclarecendo

Pró Antero

Do sr. Rezende Carreiro recebemos a seguinte carta:

SR. DIRETOR:—Confiado na comprovada lealdade de V., venho solicitar-lhe algumas linhas de réplica, no seu magnifico «Diario de Lisboa», ao artigo publicado ontem neste mesmo jornal, onde o distinto plumitivo mariense sr. Jaime Figueiredo quiz abordar a primeira homenagem a prestar na metropole a Antero de Quental.

Antes de referir-me a essa homenagem, á qual tenho dedicado o maior e o mais sincero entusiasmo da minha mocidade, vou anotar, a traços largos, as assombrosas incoerencias que resaltam da leitura desse artigo:

1.º—Discorda o sr. Figueiredo desta homenagem, quando o aludido senhor, ha cêrca de três mezes, numa tarde em que o encontrei na Avenida Presidente Wilson, se manifestou muito favoravel a ela, dando-me até a sua direcção para que lhe enviasse os n.ºs do «Diario dos Açôres» que se ocupavam da mesma! Porque se deu essa acrobacia de opinião? Porque motivo só aparecem neste momento os «remorsos» a atordoa lo—e então agora, depois da solenissima manifestação de domingo ao nome glorioso do Poeta?!

Para comprovar a antiga opinião do sr. Figueiredo, indico os nomes dos meus camaradas no jornalismo Guilherme de Morais e Rebelo de Bettencourt, que me garantem ter o sr. Figueiredo, ainda recentemente, mostrado aos mesmos a sua concordancia com o monumento a Antero no Jardim da Estrela.

Depois disto, com que autoridade vem agora o sr. Figueiredo pronunciar-se contrario a esta homenagem?

Mas, emfim... continuemos, generosamente, a desfiar as suas incoerencias...

2.º—Qual a imparcialidade com que se póde couraçar o sr. Figueiredo, ao atacar esta idéa se é elo mesmo que se confessa «suspeito», pela incomensuravel amizade que o liga ao quotidiano de Ponta Delgada que se esforçou por aniquilar aquela idéa, apenas... por ter sido apresentada—leal e claramente exposta—pelo seu colega local «Diario dos Açôres».

3.º—Chama o sr. Figueiredo, ironicamente, «bustosinho» á admiravel escultura de Diogo de Macêdo, e ao mesmo tempo tem para ela estas palavras:

«Diogo de Macêdo, escultor de merito autentico, num momento de bela inspiração fixou no barro a mascara tragica e veemente do «Ultimo Antero!» Trabalho dum artista que soube realizar o sonho lindo que lhe vivia na alma! Diogo de Macêdo foi notavel com a sua criação, e foi notavel, sem duvida»...

Então, em que ficamos?...

Convém aqui dizer que o busto do Poeta será bastante maior do que o tamanho natural, não sendo, portanto, qualquer «bust sinho» como disse, com suas filaucias de critico, o sr. Figueiredo... Além disto, não conhece este senhor as proporções do monumento para pretender igualá-lo aos ornatos do Jardim, depreciativamente, sacrilegamente.

4.º—Diz o sr. Figueiredo que escreveu aquele artigo para que os remorsos não lhe verrumassem a consciencia. Seria justo tambem que este senhor, por exemplo, houvesse escrito qualquer coisa sobre a exposição de produtos açoreanos, que ele declarou ter vindo «borrar toda a propaganda que anteriormente se havia feito sobre os Açôres» (sic). Porque não se manifestou publicamente neste sentido?! Sem duvida, por causa da tal incomensuravel amizade... São uma coisa muito curiosa e comoda esses remorsos do sr. Figueiredo. Sabe nivelá los pelas suas conveniencias—são uns remorsos de pôr e tirar...

5.º—O sr. Figueiredo, que parece brincar aos paradoxos, chama ao Jardim da Estrela «ambiente de bulicio». Admitindo esta incongruencia, deveriamos chamar «ambiente religioso» ás praças publicas, onde pululam charlatães exaltando calicidas milagrosos e abundam legiões miserandas de homensinhos de capilé...

Posto em evidencia o estado de alma «latejante» com com que o sr. Figueiredo escreveu o seu artigo, em que se fala de «santuarios veneraveis», «espasmos de bondade», e tantas outras «bisantinices», na propria classificação do articulista, vou agora dar-lhe o resto do troco devido.

Evitando reeditar aqui a historia enternecedora e bela desta idéa, tornada já publica pela imprensa de Lisboa, vou sintetisar em três preguntas todas as objecções que possam porventura, surgir á volta da mesma ideia, hoje felizmente em vesperas de realidade:

1.ª—Deverá ou não Antero possuir um monumento em Lisboa—capital do país?

Certamente!

2.ª—Que forma deverá revestir essa consagração?

Naturalmente a de um grandioso monumento que tivesse o caracter de uma consagração nacional, se para isso houvesse os necessarios recursos materiais. Porém, tendo ficado ausente, após a morte do poeta, ha 34 anos, que seria a sua terra natal, Ponta Delgada, o local escolhido para semelhante consagração—infelizmente ainda bastante longinqua—representará a excelsa criação de Diogo de Macedo, uma lembrança de Antero, uma homenagem de conterraneos e continentais, de admiradores, sem as responsabilidades de consagração nacional.

Homenagens identicas a esta, realizam-se em todo a parte do mundo, onde se encontram, em jardins, bustos intimos a Gœthe, Schiller, Victor Hugo, Baudelaire, Rodin e outros nomes aureolados de genio.

E em boa verdade, não será «a mascara o que só interessa, afinal, no vulto de um homem de pensamento», na opinião autorizada de Antonio Sergio.

3.º—Qual o sitio de Lisboa que mais se apropriaria a este monumento?

Seriam naturais as hesitações, sendo contudo, logica a preferencia dada a um Jardim—e certamente o da Estrela. Com efeito, conhecido já o delicioso recanto escolhido para tal fim, com tanta felicidade, por quem de direito, não poderão mais surgir duvidas a tal respeito, tornando-se ridiculos, numa altura destas, alvitres esporadicos ou «bisantinices» descabidas.

De resto, seria desnecessario gastar palavras com a discordancia do sr. Figueiredo, pois sobre este assunto foram consultados nomes da maior autoridade, como o iminente poeta dr. Afonso Lopes Vieira, que em expressivas palavras publicadas no «Diario dos Açores» apoiou inteiramente a escolha do local—o jardim da Estrela.

Se o sr. Figueiredo houvesse meditado um momento nos valiosissimos apoios que tem recebido esta idéa, dos melhores nomes das nossas letras, certamente não apareceria agora com essa laracha dos «remorsos» e não me obrigaria a vir aqui, ás acolhedoras colunas do «Diario de Lisboa», rebater o que intencional e lamentavelmente pretende deturpar, esquecendo até o respeito que lhe deveria merecer esta justissima homenagem á memoria de Antero.

Agradecendo, sr. director, a publicação destas linhas, subscrevo-me com toda a consideração. De v. etc.

Lx.ª, 21—IV—26.

C. Rezende Carreiro

Fumem os afamados cigarros
CAPSTAN (will's)

DA VIDA QUE PASSA

A figura

da Condessa de Vila Real

que ha um mês faleceu em Lisboa

Na primeira quinzena do mês que findou, faleceu em Lisboa, com provecta idade, a muito nobre e excelsa senhora D. Tereza de Melo Breyner de Sousa Botelho, Condessa de Vila Real, por seu marido, e de Melo, por titulo proprio e hereditario.

Para a mocidade de hoje, a ilustre fidalga apenas era conhecida pelos seus dois grandes nomes; para a geração passada, como uma linda e respeitavel senhora de idade; mas, para aqueles que já dobraram os sessenta anos, foi a Condessa de Vila Real, nos setentas e nos oitentas do seculo XIX, a mulher mais formosa e mais distinta da sociedade portuguesa. Não sei que ficasse de s. ex.ª um retrato a oleo. E é uma pena enorme! Seria uma maravilha, uma gloria, para a galeria de antepassados do realengo palacio de Vila Real, solar dos muito nobres morgados de Matheus, o retrato da Condessa de Vila Real e de Melo, no esplendor dos seus trinta anos e vestindo a farda de dama honoraria da Rainha! Nem Winterhalter, nem Madrazo, nas côrtes de Paris e de Madrid, jamais tiveram melhor modelo.

Eu vi-a uma vez, ai por 1887, subir a Avenida, a pé, levando uma filha de cada lado. A mãe, radiante de formosura, imponente de distinção, escultural de elegancia, vestindo primorosamente, pisava como uma deusa; Maria, a filha mais velha (actualmente superiora de um convento em Roma), um encanto de beleza, morena, melancolica, com uma pele branca, mate, transparente, a decalcar-lhe as veias da cara, muito azuis, contrastando com os bandós negros que lhe desciam pelas faces; Tereza, a filha segunda (hoje Condassa de Mangualde), linda tambem, mas de tipo diferente, era loira, rosada, com uma deliciosa e primaveril expressão de vida alegre e exuberante. Ambas herdaram de seus pais a distinção do porte. Quando passavam, os chapeus baixavam-se respeitosamente, deslumbradamente; as conversas interrompiam-se até que a visão desaparecia, principiando depois a discutir-se a duvida de então: Qual é a mais bonita?

A Condessa de Vila Real aliava ao seu fisico divino todos os dotes de um espirito «raffiné»: conversava com raro brilhantismo, as suas cartas eram verdadeiros modelos de arte de bem dizer. Tinha, e até lhe ficava muito bem, o orgulho proprio da sua grande raça, sem, comtudo, ser impertinente para com os humildes de nascimento ou para com os desfavorecidos da natureza.

Mas uma vez que um diplomata, fazendo desastrada confusão, falou da Condessa de X como sendo irmã da de Vila Real, esta, como para repudiar o hipotetico parentesco, respondeu com soberana altivez: «La Comtesse de X n'est la soeur de personne» (a condessa de X não é irmã de ninguem). Como isto foi dito! O diplomata, que talvez recebesse com toda a fleuma uma declaração de guerra contra o seu país, córou como uma papoila e titubeou a desculpar-se da «gaffe».

Na intimidade, a Condessa de Vila Real fazia-se adorar pela afabilidade do trato e pela simplicidade das maneiras; nos bailes, nos jantares, no teatro, dominava e deslumbrava. O timbre da voz e suas modelações, pareciam afinadas por Santa Cecilia; o seu sorriso, era o triunfo do «charme».

Quando esteve em Lisboa a grande esquadra alemã, contava-se que o Almirante dissera no banquete do Paço: «O que eu vi de mais belo em Portugal, foi a Condessa de Vila Real!

Orçava então S. Ex.ª pelos sessenta...

Foi depois avó e envelheceu.

Visitei-a nas vesperas do casamento de sua gentilissima neta com o Conde de Tomar. Faziam-lhe companhia a filha, o genro, as netas e o neto—todo o grupo Mangualde.

Havia muitos anos que a não via; se não fosse o tapete, ouvir-se-ia cair a alma aos pés... Beijei-lhe a aristocratica mão, reverentemente, prolongadamente, como querendo inocular-lhe naquele beijo a minha admirativa saudade pelo passado e a minha profunda compaixão pelo presente...

Meia paralitica, meia cega!

Mas era a Condessa de Vila Real!

Pouco falou dos seus achaques; logo conduziu a conversa para assuntos mundanos, para coisas de arte. Veiu a proposito falar se da celebre comedia de Giacosa «Una partita á scachi; mostrou vontade de a conhecer; felizmente eu tinha-a e prometi mandar lha. Depois, falou do nosso comum amigo Almeida Moreira, com muita simpatia, e tateando um maço de papeis que tinha ao lado, procurou, para me mostrar, um postal que ele lhe mandara de Cambô com a casa de Rostand.

«E' muito meu amigo e muito amavel», dizia: «lembra-se sempre de mim».

Paz á sua alma gentil.

Para aqueles que têm, como eu, o fanatico culto da Beleza, a morte da Condessa de Vila Real e de Melo foi uma irremediavel Perda Nacional.

Carlos Lopo

As fotografias
mais elegantes

Desde a sua fundação, *Photographia Ingleza*, de J. & M. Lazarus, vem sendo, e muito justamente, considerada o mais elegante e o melhor estabelecimento do genero.

A sua exposição permanente de retratos, aguarelas e molduras, na rua Ivens, 59, é diariamente visitada por muitas dezenas de pessoas.

Espirita
tudo consegue rapido trata com seriedade.
Rua do Sol ao Rato, 215, 3.º

CALÇADO "ATLAS"
O MELHOR
Vejam os nossos preços
Rua Aurea, 198
Rua Augusta, 149
Rua do Carmo, 87

UMA VERDADE
que é mentira?
RAYMOND, o fantastico, o mysterioso, o rei da maravilha e da ilusão, apresenta-se ámanhã no
EDEN TEATRO
E Raymond, com o poder, por assim dizer, sobrenatural, de que dispõe, separará, serrando-o, com o auxilio e a vista do publico, um corpo de mulher, dividindo-o pelo tronco.
E' este um dos sensacionais numeros do seu novo programa, que está destinado a causar a maior sensação

BARBASOL
evita o uso de sabões, pinceis, crémes e antisepticos.

Dr. Medeiros d'Almeida
Cirurgião dos hospitais
Doenças dos olhos — Cirurgia
Consultorio: Av. Liberdade 121 1.º-ás 3 h.-Telef. 908 N
Policlinica: L. Conde Barão, 12, 2.º-ás 5 h.-Tele 1902-C.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as sr.as:

D. Maria da Gloria da Cunha Menezes de Castro Guimarães, D. Maria Luisa de Sá Pereira (Oldoini), D. Maria José de Almeida Correia de Sá, D. Maria do Carmo de Figueiredo Cabral da Camara e D. Joaquina Alves de Oliveira.

E os srs.:

Duque de Palmela, conde de Burnay, Mario Ferreira de Melo Freire de Andrade, Mario Walter Correia Pressler e Manuel Bobone.

A caridade

Chá de caridade

No proximo domingo realiza-se, no palacio dos Guiões, á rua S. Filipe Nery, 80, um «chá de caridade», organizado por um grupo de senhoras da nossa aristocracia, a favor do Colegio de Santa Tereza do Menino Jesus, ainda ha pouco inaugurado, e que, vivendo apenas de esmolas, já é frequentado por 40 crianças pobres.

Pelos inumeros bilhetes vendidos, tudo nos leva a crer que a tarde de domingo, no palacio dos Guiões, vai ser revestida de extraordinario brilhantismo.

Os poucos bilhetes que restam podem ser requisitados para a rua S. Filipe Nery, 80, 2.º, telefone N. 803, sendo o preço de entrada 2$50.

«Mademoiselle Nitouche»

A ilustre comissão organizadora previne que hoje, ás 6 horas da tarde, haverá, na Liga Naval Portuguesa, ao Calhariz, ensaio dos coros da lindissima opereta «Mademoiselle Nitouche», que, no dia 4 de Maio, subirá á scena em S. Carlos, em recita de caridade, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, pedindo a todas as senhoras e rapazes que não faltem á hora marcada.

Noite de arte

No Trindade

Assistencia elegante á segunda recita de assinatura da magnifica companhia dramatica francesa de declamação da celebre «vedeta» Charlotte Lysès, hoje um dos grandes idolos do publico parisiense:

Viscondessa de Silvares, Condessa de Arge, Condessa de Almarjão, Condessa da Atalaya, Viscondessa de Marco, D. Luisa Vasconcelos Cabral, D. Berta de Ortigão Ramos, D. Flora Fernandes Tomaz de Sousa Rodrigues, D. Guilhermina Macieira da Fonseca, D. Tereza Belfort Street, D. Maria Guedes de Almeida Coutinho, D. Guilhermina Cau da Costa Santa Rita, D. Maria Ignacia Cabral Moncada de Casal Ribeiro de Carvalho, D. Antonia Ferreira Pinto Basto, D. Maria Berta de Ortigão Ramos de Castelo Branco, D. Laura Mendes de Almeida Ivens Ferraz, D. Flora Bastos do Amaral e filhas, D. Filipa de Sá Pais do Amaral Coelho, D. Julieta Vaz Berneaud Alves, D. Maria Rio de Carvalho, Madame Abecassis Seruya, D. Lyce Seruya, D. Maria da Conceição Pinto de Morais Sarmento Cohen, D. Vera Cohen Perestrelo de Vasconcelos, D. Maria Amelia Burnay de Macedo de Sande e Castro, Madame José Loureiro, D. Ludovina Soares de Albergaria Diniz, D. Maria do Carmo Soares de Albergaria de Burnay, D. Maria Emilia de Macieira Lino, D. Ana Judice de Vilhena, D. Maria Gonçalves Teixeira, D. Margarida Mendes de Almeida Belo Ramos, D. Alix Maury de Melo (Sabugosa), D. Vera Ferreira Pinto Ribeiro da Cunha, D. Fernanda de Castro e Quadros Ferro, D. Maria Margarida de Canavarro Fernandes Costa, D. Sofia de Laxmann Ferreira Pinto Basto, D. Antonia Taborda Couto Bandeira de Melo, D. Beatriz Consiglieri de Pina e filha, D. Emilia Mendes de Almeida Belo Correia Pereira, D. Aida Moura, D. Alice Moura Viana, D. Palmira Lucas Torres, D. Maria Amelia Torres de Fariuha, D. Margarida Barbosa de Meyreles e filha, D. Guilhermina Santa Rita de Amado, Madame Fino e filha, D. Margarida de Oliveira Aguiar, D. Laura Chaves, etc.

Casamentos

Está justo o casamento da sr.ª D. Maria Amelia Pereira Judice Pargana, interessante filha da sr.ª D. Dorothea Maria do Carmo Pereira Judice Pargana e do sr. dr. Luiz Firmino Furtado Judice Pargana, já falecido, com o sr. dr. Joaquim dos Santos Nunes, que se deve realizar no proximo mez de junho.

Doentes

Tendo-se agravado um pouco os seus padecimentos, encontra-se retido em casa ha dias, o nosso colega de redacção sr. Carlos de Vasconcelos e Sá.

—Completamente restabelecido da operação que sofreu, feita pelo ilustre clinico sr. dr. Antonio Torres Pereira, retirou da casa de saude das Amoreiras, o sr. Nuno José Ferreira Borges.

—Da mesma casa de saude, regressou á sua casa em Vila Nova de Tazem, a sr.ª D. Purificação Fortes, completamente restabelecida da operação que ali lhe foi feita pelo ilustre clinico sr. dr. Abel Cunha.

—Foi ontem operado pelo ilustre professor dr. Carlos de Melo, o menino José Augusto, filho da sr.ª D. Eugenia Prestes de Macedo Soares e do nosso querido amigo sr. dr. José-Roberto de Macedo Soares. A operação decorreu com grande felicidade.

Bal-Tabarin
MONTANHA
RUA DA GLORIA

Neste elegante *Cabaret* realiza-se esta noite, em três sessões, a segunda apresentação da jovem artista La Solita Soreahoja, expressamente contratada para o *Bal-Tabarin*, como sendo uma das principais artistas de toda a Espanha, e que ontem na sua estreia foi delirantemente recebida com grandes aplausos nas suas graciosas canções, apresentando-se elegantemente vestida com ricas *toiletes* e demonstrando uma grande expressão de artista, tanto no genero dramatico como no ligeiro.

A jovem artista, que conta 17 anos de idade, foi classificada pelo publico que ontem assistiu á sua estreia, como rivalisadora da grande artista La Goya nas suas canções, principalmente na *Flôr del Mal* e na *Loba*.

Tomam tambem parte nos espectaculos as simpaticas bailarinas Gloria Castro e Matilde Sanches e a graciosa coupletista La Pompadour.

NOVIDADES LITERARIAS

Do livro "Alguns Alfacinhas,,

de Jaime Balsemão

TRANSCREVEM-SE OS CAPITULOS

"Os inocentes,, e "Um martir,,

(Qualquer scena: um palacio, uma floresta, uma taberna, o avesso dos scenarios... A qualquer hora, e em qualquer época).

O CINICO

A humanidade é, felizmente, para nós, armada dessa interessante e obscura perversidade que a leva a interferir naquilo que lhe não diz respeito. E' uma força de heroicidade — como todas a heroicidades — organica. Hercules nasceu para bater, Montaigne para pensar *(olha o tecto para seguir o gesto habitual)*. Não ha nada novo sob o sol.

UM MODERNISTA

Perdão; temos muita coisa nova; o socialismo, o comunismo, o futurismo, o turismo; etc...

O POETA

(Sonhando languidamente) Rima, que pena, com mutismo.

O CINICO

Mutismo! Sim! Só isso seria novo.

O MODERNISTA

Para a frente é que é o caminho. Queremos tudo novo. Eu sou homem moderno; modernissimo... *(Nesta altura sae apressadamente para satisfazer uma necessidade imperiosa e classica).*

UMA DAMA VIRTUOSA E FEIA

Toda a desgraça moderna provem da falta de virtude; provem da incontinencia a que se votam os sexos, por vezes, tão descabeladamente, tão ostensivamente... ai!,... que me faz raiva.

UM ULTRA-FILOSOFO

A desgraça, todas as desgraças, as modernas e as antigas, ou sejam, asmesmas desgraças, são a resultante simples da simples causa de vivermos.

UMA MENINA ROMANTICA

Ah! Sim. Deviamos nascer todos mortos.

O ULTRA-FILOSOFO

(Aos uivos) Eu, os senhores, as senhoras, somos um bando de parasitas. Os sexos não apareceram para se reproduzirem, mas sim para viverem um curto periodo sem as dôres e os cuidados provenientes dos dias que seguem aos dos amplexos. Nada me faz crer que a vida tenha razão de ser, porque até a propria felicidade é torturada pela imaginação do seu fim. Nós sômos todos um bando de abcessos, infelizmente, raras vezes de lobinhos. Sômos uma especie de fungos, e, como tais nos reproduzimos espalhando o nosso virus de microbios verbosos.

UM MEDICO

Ha microbios necessarios.

O ULTRA-FILOSOFO

Necessarios para combater os outros que nos querem devorar, para que eles melhor devorar possam. Não existiam se não houvesse vidas. Seriam como os politicos numa terra sem contribuintes. *(Solta outro uivo e cae morto. Levam-no).*

O CINICO

Tudo o que foi creado fóra da vontade dos homens existirá perdoavelmente. Desde ha muito que a humanidade tenta aniquilar-se, mas, em vão. Nem as mais demolidoras orgias; nem as catastrofes; nem as pestes, nem as guerras. Nem Onan o conseguiu; nem Solon legislando sobre o

JAIME BALSEMÃO

amor, fazendo dele um deus; erguendo templos a Adonis, a Astartea, a Venus; sacrificando nas aras de Priapo. E do excesso nasceu o abuso. Aristoteles considerava a mulher como uma irregularidade da natureza. No entanto, foi este o seculo glorioso de Demosthenes, de Platão, de Phidias, de Praxiteles. O resto do mundo era barbaro. E, o padeiro amassava o seu pão, o rico traficava, o pobre queixava-se... O escravo detestava o amo, mas, detestava mais os outros escravos, esperando por seu turno poder escravizá-los quando de liberto passasse a senhor. A condição humana, social — como se diz — pertence á biologia e não aos cenaculos. Duas arvores germinadas no mesmo solo, da mesma semente, nunca são igualmente poderosas; basta que uma cresça um pouco mais, e, que com a sua sombra tolha a outra. Os lirios bravos são assertivos; deixam caír as suas muitas folhas inuteis — inuteis á decoração da sua beleza, mas não á protecção da mesma — á roda das suas hastes airosas e brancas. Sem esse espaço desafogado e contido pelas suas fibras, não poderiam crescer: serem lirios. A igualdade existirá entre a pobre turba humana quando existir na natureza. E a natureza não precisa do homem o qual, comtudo, é seu escravo prescindivel.

UM HOMEM SEM IMPORTANCIA

Natureza quere dizer harmonia; sómente de harmonia se vive.

O MODERNISTA

Isso é um insulto; isso é academismo; eu não sou academico, sou «tuitivo». Só o inédito me preocupa.

O CINICO

Só ha uma coisa inédita, e que é velhissima: a morte, apesar de repetidas vezes ter temporariamente aquietado a mesma materia. Ninguem «póde» calcular o numero de vezes que tenha morrido.

UM HOMEM SEM IMPORTANCIA

Eu conheci um homem ocioso e exigente que procurava qualquer coisa de novo. Escreveu, e, dizia o que já estava dito; pintou, e, pintava o que já estava pintado. Então, escreveu trocando as silabas, e, todos admiravam na sua escrita estranha aquilo que ele na mesma não tivera posto.

PANO

Entre comicos, espectadores e porteiros, só houve um que não fôra «inocente»: um homem que morava na Amadora por sua livre vontade; que se chamava Nunes; que fazia quadros de aneis de charutos e que tivera dormido durante esta peça.

'A' portinha da entrada da geral, quando eu cheguei, apinhava-se já uma multidão negra e resignada — um cacho compacto — onde se agitava, por vezes, uma pluma, um laçarote de mulher, movendo-se num cansaço sufocado.

Era uma noite de Wagner e era Lisboa.

Pouco depois, essa multidão que eu detalhara, encasacada de modestia — boa gente — segundo a classificação gentilica — investiu colectivamente, derrubando os porteiros, uivando, protestando, queixando-se... Alguns, disse-me depois a minha visinha — uma menina nervosa, com cara de cavalo e pulseiras ruidosas—tinham esperado duas horas.

A menina tinha até um pé no ar, adormecido por uma patada dolorosa.

Esta mocidade agitada, ficava á minha direita; á esquerda encontrei um sugeito que me inspeccionou rancorosamente. Não tinha atributos notorios; era um sugeito.

Certamente um sugeito irritado pelo rumor natural de todos os teatros portugueses e cheios, antes de começarem. Sim, estava irritado, e, a sua irritação cresceu quando as trombetas anunciaram o começo do Parsifal.

Vi então que a sua cara irada se movia sobre um pescoço onde a maçã de Adão semelhava o harpão horrivel duma galera latina. E, como estava colerico notei logo que era um fraco.

Proferia palavras reprovadoras, na ancia de colher nessa noite — certamente a primeira para ele — até os silencios votados a Wagner. A sala escureceu; toda a gente sofreu muito porque teve que se calar, e, o divino preludio começou.

O sujeito com o queixo na mão peluda, ouvia religiosamente, a testa sulcada de dificuldades, esforçando-se por admirar, por gostar duma coisa coneguida tão pacientemente.

Acabou, finalmente, por se afazer á sinfonia; habituou-se a ela como ao pendular continuo dum relogio, e, adormeceu.

Acordou, porém, ao terminar esta, pela mesma razão porque se acorda a bordo de um transatlantico quando as maquinas param.

Então, escravo dos silencios que impuzera antes, fez muito barulho, deu palmas; foi até o unico aplaudindo.

Levantaram-se protestos, e, quanto mais protestavam, mais ruido fazia o sujeito, chegando até a gritar: — que tinha liberdade de aplaudir, que era um homem de liberdade.

Houve mais protestos, sentia-se um rumor unisono; o maestro apavorado julgava que era fogo. Um dos fagotes, calvo e pai de familia, tentava debandar, agarrando o seu instrumento numa pressa desvairada. A menina de cara de cavalo jubilava, agitando as pulseiras. O publico, depois de sabido o acontecimento, começava sentindo-se feliz; conversando; folgando desse momento, pelo grande esforço de ter estado quieto durante a execução; porque estar quieto é geralmente muito dificil.

Naturalmente, como todas as normalidades que são o efeito do anormal, tudo se aquietou, e Gurnemanz poude, enfim, louvar e lamentar-se sobre o Santo Gral, á luz da madrugada, na selva solene e ombrosa; ao som do clamor das businas.

Quando Kundry entrou, desgrenhada e choramingona, já o meu vizinho dormia, e, o seu ressonar dizia toda a sua espiritual tranquilidade.

Acordou ao ruido das palmas, e, assim bemaventuradamente existiu durante todo o espectaculo, dormindo e acordando, para aplaudir, porque era escravo do seu apressado louvor, e porque tinha sobre a liberdade a noção de todos os que com ela se preocupam: ter liberdade de fazer bulha, não dando aos outros a liberdade do silencio. Enfim, era escravo dela, como felizmente se é de tudo o que apaixona. Deixarmos de pertencer a nós proprios é um bem supremo.

BARBASOL
o unico producto no seu genero.

TEATRO SÃO LUIZ
Empreza A. Ramos, Limitada
Tel C. 224
COMPANHIA ARMANDO DE VASCONCELLOS
TODAS AS NOITES, ás 9,15
Roma Galante
Soberbas criações de
Auzenda de Oliveira
E
Vasco Sant'Ana
Espectaculo sensacional de
Graça, Beleza, Luxo e Alegria
O espectaculo termina a meia noite e 15

Restaurante Ferro de Engomar
Todas as noites optimas ceias
Concerto de piano
Tem salas independentes
ABERTO TODA A NOITE

A Cidade

Theatro Maria Vitoria Tel. N. 3644
HOJE, nas duas sessões — A's 8 1|2 e 10 1|2
Esfusiante alegria com a revista
FOOT-BALL
e AS 6 GIRLS ROBERTON'S

Chá das cinco

Lisboa a vôo de «palhinha»...

Devido a um atraso do comboio, Charlotte Lysés — actriz que não tem um adjectivo que a mereça — chegou ao Rossio meia hora antes de nos aparecer de «Grã-Duquesa». Tomou um «palhinha» e em poucos minutos estava no seu camarim.

O que foi, para a comediante, a tragedia desse percurso mostra o bem esta frase, sublinhada pelos olhos da sua «Titine» — uma cadelita que só tem olhos:

—*Mais cela c'est la Montagne Russe!...*

Devemos dizer que não achamos exagerada a comparação.

Andar de automovel, ou de «side-car», com as velocidades usadas em Lisboa, é ter todas as sensações das vertiginosas subidas e descidas da Montanha Russa.

Já Fritz Horn — o homem que andava normalmente 130 quilometros á hora, ao volante do seu trimotor — quando o metiam num automovel, passava o tempo a dizer, aterrado, ao «chauffeur»:

—Mais devagar — que não andamos no ar!

E um distinto aviador português — o tenente Amado da Cunha — habituado a arriscar a vida, diariamente, nos nossos frageis, mas velozes aviões, convidado um dia para o nosso «side-car», abandonou-o no meio do trajecto, dizendo:

—Muito obrigado, mas eu vou a pé... Não sou homem para estas coisas!

¿Que admira, portanto, que madame Charlotte Lysés e a sua «Titine» tenham sentido, do Rossio á Trindade, as vertigens da grande acrobacia?

¿Que admira que a deliciosa comediante, no seu primeiro dia de Lisboa, não tenha sentido dela outra impressão que não fosse a desta frase cruel, mas verdadeira:

—*Mais cela c'est la Montagne Russe!...*

Felix Correia

Os novos taxis G. M.

vão baratear a quilometragem

Na proxima segunda-feira, são postos em circulação 25 *taxis* da marca G. M., sendo o preço por quilometro muito convidativo: Tabela n.º 1: — primeiros 800 metros, 2$00; por cada 300 metros a mais, $50; tarifa 2: — primeiros 550 metros, 2$00, por cada 200 metros a mais. $50.

Esta tabela de preços já teve a aprovação da Camara Municipal.

Beatriz Baptista

E' amanhã, finalmente, que no Salão da Academia dos Amadores de Musica se realiza o recital intimo da distinta cantora D. Beatriz Baptista, que pela primeira vez se fará ouvir nos «lieder» classicos.

A entrada é por meio de convites que foram distribuidos pelas pessoas da nossa melhor sociedade e nos meios literario e artistico.

CAMBIO OFICIAL

	Comprador	Vendedor
S/Londres, cheque	94$75	—
S/Madrid	—	2$82
S/Paris	—	$65,5
S/Suiça	—	3$77,5
S/Bruxelas	—	$71
S/Nova-York	—	19$55
S/Amsterdam	—	7$84
S/Italia	—	$79
S/Brasil	—	2$83
S/Praga	—	$58,5
S/Suecia	—	5$24
S/Austria	—	2$ 6
S/Berlim	—	4$67
Libra esterlina	96$00	99$00

BOLSA

Preços efectuados a contado

Obrigações Externas, 1.ª serie	558$00
» 6 1|2 0|0 1923	526$50
Acções do Banco de Portugal	—
» do Banco Lisboa & Açôres	—
» da Companhia de Seguros Sagres	—
» da Companhia Tabacos de Portugal	—
» da Companhia Port. de Fosforos	159$00
» das C.ªs Reun. Gaz e Electricidade	87$50
» da Companhia do Amboim	—
» da Companhia Colonial do Buzi	—

O PASSADO DE AUGUSTO GOMES

A morte

da corista Piedade Santos

e o que nos afirma

o medico Tudela de Castro

Do sr. dr. Tudella de Castro, recebemos, com o pedido de publicação, a seguinte carta:

Sr. Redactor: — O crime de que foi vitima a actriz Maria Alves, deu origem a que varios jornais fizessem alusões á morte da corista Piedade, supondo-a possivelmente devida tambem a qualquer manobra criminosa do seu amante Augusto Gomes.

Porque essas alusões fôssem bastante vagas, e eu entendesse não merecer a pena, nem mesmo em honra da verdade ferida — unica coisa que me podia interessar — desmentir o que só como atoarda era citado, não tratei de vir á imprensa esclarecer aquilo que não estava verdadeiramente em fóco e a que só incidentalmente se aludia.

Porém, ao ler hoje o ultimo numero do «A B C», deparou-se-me um artigo assinado pelo «Reporter X», em que, a respeito do mesmo assunto se fazem afirmações absolutamente inexactas, ao mesmo tempo que se põe mais uma vez em duvida, e desta vez abertamente, a causa da morte da referida Piedade.

Ora, sendo eu o medico que acudiu á doente na noite do seu falecimento, não posso nem devo, em presença das duvidas e inexactidões desse artigo, conservar-me mais tempo em silencio.

Por isso, e em vista do «A B C» só se publicar semanalmente, eu ouso vir pedir a V. um cantinho do seu jornal, para nele afirmar, com absoluta convicção scientifica, que a morte da corista Piedade foi devida a *intoxicação uremica*, tendo eu assistido, quando a visitei, a ataques de uremia convulsiva, os quais não se manifestaram numa pessoa em plena saude, mas sim sobrevieram (segundo as informações que me deram na ocasião), numa creatura que andava já doente ha bastante tempo, que tinha edemas palpebrais, grandes cefaleas, uma diurese reduzidissima, e que ainda dias antes tinha tido perda dos sentidos com queda brusca do corpo no meio do chão.

Direi mais que a certidão de obito que passei, com absoluta consciencia do que fazia, e sem ninguem me ter pedido nem para se fazer nem para não se fazer autopsia ao cadaver, não falava em *albumina fulminante*, o que seria asneira. Dizia, assim: *Uremia*.

Finalmente sou obrigado, em prol da verdade, a fazer os seguintes desmentidos ao que conta o «Reporter X»:

A. Gomes não me encontrou nem me levou a sua casa, pois mandou-me chamar por um rapaz que fazia alguns serviços em sua casa.

Quando cheguei a casa de A. Gomes não tinha ainda falecido a Piedade, pois lhe fiz tratamento durante mais dum quarto de hora. Não servi, portanto, apenas para passar a certidão de obito, nem eu a passaria se não tivesse, pelos sintomas colhidos, podido diagnosticar a causa da morte.

No predio onde residia a Piedade, não morava medico algum. Era e é nele o consultorio do meu colega M. Magno, o qual mora na Avenida da Republica, estando portanto, na ocasião, bem longe do sitio onde podia ser util a sua presença.

Postas assim as coisas no seu verdadeiro pé, resta-me ainda dar um esclarecimento, absolutamente verdadeiro, e talvez não de todo desnecessario para algumas pessoas, e é que eu não conhecia A. Gomes (nem sequer de vista) na noite em que fui chamado para sua casa, não tornando tambem a falar com ele depois dessa noite; nem com ele nem com qualquer pessoa que o representasse. — Sou de V., etc., *J. Tudella de Castro.*

NO FOZ

Começa amanhã

a temporada de zarzuela

a preços populares

A zarzuela *chica* é o melhor espectaculo que se póde oferecer ao nosso publico. Nada o encanta e o entusiasma tanto, como essas pequenas peças de enredo ligeiro, cortadas de córos, de *jotas* e de *peteneras*.

Nada de grandes scenarios, de ricos guarda-roupas! O que é preciso é vida, alegria, côr. O resto, não importa. Quem déra até poder apreciar tudo isso ao ar livre, sobre a verde relva que deu o nome ao espectaculo!

* * *

Pois Lisboa — que anda tão saudosa do genero — vai ter agora ocasião de deleitar-se, durante algumas tardes e algumas noites, com as engraçadas zarzuelas do reportorio dos artistas que amanhã se estreiam no Foz.

* * *

Mas ouçamos o que nos diz o sr. Artur Emauz — que é um dos nossos mais simpaticos emprezarios, e dos que melhor conhecem as preferencias do publico:

—Quando estive em Madrid, ha poucos dias, decidi contractar para uma série de epectaculos, alguns dos melhores artistas de zarzuela.

—Como por exemplo...

E o sr. Artur Emauz dá-nos os nomes das principais figuras, já com os adjectivos que lhes cabem melhor:

—As primeiras *tiples* são: Mercedes Sanz, uma rapariga nova, com uma voz linda; Josefina Pastor, uma artista interessantissima; e a formosissima Maruja del Castillo. Dos homens, basta que lhe fale no engraçadissimo Paco Fernandes; no baritino José Bonet, no tenor Federico Fantino, no baixo Rafael Gallegos e no tenor comico Enrique Angelo — quatro vozes explendidas e quatro belos actores.

—E segundas *tiples?*

O sr. Artur Emauz sorriu-se. E' que as segundas *tiples*, na zarzuela costumam ser geralmente — de primeira...

—São seto raparigas cuja apreciação deixo ao publico...

—Temos, então, zarzuela, de amanhã em diante?

—Temos. E para corresponder ao carinho do publico que me tem enchido o teatro todas as noites, consegui que a admiravel Vitoria Pinillos trabalhe mais alguns dia, exibindo entre as duas zarzuelas os seus deliciosos bailados.

—Quais são as peças de estreia?

—«Cambios naturales» e «La Almea». E nos dias seguintes — tudo quanto ha de bom no genero *chico*...

NO TEATRO DA TRINDADE

A interpretação que dá Charlotte Lysés

á peça "L'homme d'un soir,,

«Le Homme d'un soir» é uma daquelas peças admiraveis e exatas de psicologia amorosa, que se integra nas mais belas produções do chamado teatro interior. Denys Amiel é um «pointilista» nervoso e sensivel das almas que se escutam e das consciencias que procuram revelar o misterio calado, profundo e grandioso que nelas nasce, como um sonho ancioso de vida e de verdade. O dramaturgo não procurou nesta peça um entrecho empolgante ou um caracter sacudido, forte, cinico, rebelde e egoista, como na «Carcasse», que está sendo representada na «Comedie Française». Deu-nos, em meias tintas, duma envolvencia sugestiva, prolongada, nervosa, recordando a maneira pictural de Carriére, um conflito, onde as atitudes valem mais do que as palavras, e estas menos do que as intuições que o dialogo imprime, fugitivamente.

«Le Homme d'un soir» possue duas figuras dum recorte claro, nitido, que a realidade, que é sempre uma abstração, esfumou e distanciou. Encontraram-se os corpos, mas as almas, em suspenso, anciosas duma visão que não é uma esperança, nem um ideal fementido,— têm que percorrer, em dois actos, a estrada ignorada das suas sensibilidades, descobrindo o que ignoravam antes: o amor que as fazia sofrer e que por ultimo as redime, numa inteligente e definitiva compreensão.

E' este desacordo intimo, primorosamente notulado, que Amiel soube tornar plastico, maleavel, subtil, em frases, que embora breves e banais na aparencia, repercutem os sentidos, esclarecendo o seu valor exacto, as suas reacções obscuras, as suas miragens enganadoras.

O autor de «Le Homme d'un soir» parte, como Porto Riche, na «Amoreuse», obra prima do teatro francês, do conflito que ha sempre entre a mulher que ama e o homem que pensa, amando tambem.

O amor é igual em ambos, mas desigual para cada ser, na expressão, na vontade e no desejo. Quem transige é o homem, subjugado ao eterno feminino, efemero e transitorio em cada hora. Amiel, porém, condiciona a derrota do homem, modificando-o na passagem do primeiro para ao segundo acto. Compreendem-se então, mas a mulher guarda o seu sorriso, embora tenha quebrado o seu misterio. Uma comedia assim, penetrante, duma analise discreta, mas profunda, em que os sentimentos vão lentamente desnudando dores e anceios; pouco a pouco acusando fremitos de aza, volições imponderaveis — necessita uma linguagem doce, transparente, obliqua. Amiel marcou essa linguagem em toda a peça, e daí o seu encanto, a sua ternura.

Charlotte Lysés pode marcar como um glorioso triunfo a sua noite de ontem. Foi um lindo e doce sorriso, que beija as palavras como se beijasse Avé-Marias. Toda ela é transporte, ilusão fisica que se dissocia e funde em graça, em intenção, em sensibilidade. A comediante nasce no palco, cria no palco, sem uma premeditação artistica. Charlotte Lysés não é a alma franceza; é o espirito francês, vivo, inquieto, espumante, frivolo, ligeiro, sempre sensivel e creador.

Varny fez ontem dois papeis, no mesmo personagem; quere dizer — encarnou duas figuras, marcando em cada uma novos prismas e facetas. Qual dos nossos artistas seria capaz de dividir assim a sua personalidade? Varny teve um segundo acto — perfeito de elegancia, de altivez e de irouia. Vibert, nas suas curtas passagens no palco, destacou-se com sobriedade. Interiores, cuidados.

Artur Portela.

Dr.ª Maria de Lacerda
DOENÇAS UTERINAS — Calçada do Sacramento, 7, 2.º, ás 2.as, 4.as e 6.as-feiras, das 2 ás 4. — Telef. C. 4359.

Restaurante Bomjardim
9, Trav. Santo Antão, 11
Jantares de mesa redonda; Sopa, peixe, entrada, legumes e assado, doce, fruta e café. Almoços.
Aceitam se comensais.
Nova gerencia de Josefino da Silva.

A Cidade

TIVOLI TELEF. N. 5474
HOJE, ás 9
RONDA NOCTURNA
cine-drama em 8 partes
TEMPESTADE DOMESTICA
cine-comedia em 6 partes
CONCURSO NACIONAL DE TIRO
Interessantissimo documentario

CASAS PARA POBRES

O Bairro Social da Ajuda passa a pertencer á Camara Municipal?

Segundo a proposta socialista, aprovada por unanimidade no Senado Municipal, o municipio tomará conta dos Bairros Sociais e Casas Economicas, procurando solucionar, por novas formulas, a crise de habitação que o Estado, com as suas iniciativas, ainda não resolveu.

A proposta socialista coincidiu com outra apresentada no Parlamento pelo sr. ministro do Comercio, tendente a vender as Casas Economicas da Ajuda. Inquirimos do sr. Alfredo Franco, vereador socialista, se a proposta ministerial não iria afectar as intenções do municipio:

—Não, senhor; a proposta garante a impossibilidade da venda.

—Dê que maneira?

—Segundo a proposta, o Estado não pode perder na transação. Compreende que ninguem vai dar 12 ou 13 mil contos por uma coisa que pode valer, quando muito, uns 6 mil.

—Nesse caso, as Casas Economicas constituem uma segunda edição dos Bairros Sociais!

—Perdão, sobre os Bairros Sociais ainda se não disse concretamente se valem menos de 5:000 contos, que foi quanto se gastou até ao encerramento das obras.

—Mas a administração das Casas Economicas foi considerada varias vezes modelar...

—Podia ser, mas nunca foi. Quere um exemplo?

—Apresente-o.

—Ha precisamente dois anos, a Comissão Administrativa pedia, em documento oficial, com larga retumbancia, na imprensa, 3.200 contos, para dar prontas a serem ocupadas umas 148 habitações. Isto dentro dum ano. Quere saber quantas casas foram concluidas, no dôbro do tempo? 44!...

—O dinheiro gastou-se todo?...

—Que santa ingenuidade! Não se gastaram 3.200 contos; queimaram-se 7.500, pouco mais ou menos.

—E, passando o bairro para a posse da Camara, não continuará o sorvedouro?

—Impossivel! A conclusão de todos os trabalhos será feita por empreitadas, dadas em concursos publicos. Trinta dias depois da sua posse, o Municipio poderá oferecer habitações salubres a 50 familias. Um ano depois, este numero, sem grande sacrificio, pode ser elevado a 200. Creia: é esta a unica solução honesta e util para as finanças do Estado e para o povo de Lisboa.

BARBASOL
a melhor descoberta em productos de «toilette».

Para os pobres

O distinto actor Alberto Reis promoveu, no «restaurant» do Bristol Club, da rua de Santo Antão, uma «quete» a favor dos nossos pobres,

Rendeu 139$20 que a direcção do referido club nos enviou.

—Recebemos tambem 5$00 para os nossos pobres, do sr. Antonio Maria da Silva (da Casa da Moeda) e 10$00, de E. A. B. para os tuberculosos da calçada de Sant'Ana.

Como obter uma casa propria?
Escreva á Companhia Seguros LEX. R. S. Paulo, 78, 2.° Lisboa que lhe dará os precisos informes na volta do correio.

OS MISTERIOS DO GOVERNO CIVIL

A policia de Investigação Criminal e as faltas graves de alguns dos seus agentes

Neste caso das irregularidades cometidas na Policia de Investigação Criminal de Lisboa, importa pôr uma especie de questão previa para bom entendimento dos motivos que nos levaram a bulir no assunto e nos determinam ainda agora a não o largar de mão emquanto não se fizer o saneamento que tal estado de coisas impõe.

Vem a ser: em face de imoralidades que desprestigiam uma corporação inteira, tornar-nos-iamos coniventes com os que delinquem, se, conhecendo-as e podendo intervir a tempo de lhes dar remedio, nos remetessemos a um silencio que por ser comodo, não deixaria de ser criminoso tambem.

Mais: ha na P. I. C. creaturas que só por odiosa excepção não ingressam na cadeia, de braço dado com os cadastrados com quem se igualam? Pois que se dê a cada um o logar que lhe compete e a cada um se faça a justiça que merecer, para que os honestos que lá andam á sua beira, a ganhar a vida honradamente, não tenham de envegonhar-se da função escabrosa que lhes incumbe.

O sr. dr. Teixeira Direito, que está dirigindo interinamente a corporação, instaurou já o competente processo, disposto, como homem de consciencia sã e de são criterio que é, a punir criminal e disciplinarmente as faltas graves que se apurarem.

Não podia ser outra a atitude do ilustre magistrado; mas nem por isso deixa de merecer registo a sua aprumada decisão, tão certo é representar ela uma coragem rara na situação de abandalhamento e de compadrio a que na Policia se chegou.

Lá iremos depôr. Da nossa parte, não se dirá que foi por comodismo ou por medo que deixou de se fazer justiça inteira.

* * *

Entretanto, façamos repertagem ainda.

Apontemos factos, que são eles os mais seguros de todos os argumentos.

Numa carta recebida hoje mesmo do agente sr. José Reis e Sousa, que se diz visado no episodio dos relogios narrado ontem, ha estas frases que nos parecem valer por um depoimento dos mais insuspeitos:

«A intriga dentro da corporação atingiu o maximo, e até já fui acusado por um senhor chefe de ter comprado um predio. Que bom que seria, se fosse verdade; mas, infelizmente, ainda não ganhei para predios, automoveis, fragatas, leitarias, ou mesmo para viver regularmente, apesar de vêr isso tudo nalguns mais afortunados do que eu».

O aludido agente procura, na carta que nos dirigiu, fazer prova da sua inocencia, afirmando que está suspenso das suas funções, não obstante ter cinco anos de exemplar comportamento, com louvores em ordem de serviço.

Evidentemente que, estando a instaurar-se um processo, é ao respectivo juiz instrutor que nos compete apresentar, em depoimento, os motivos que nos levaram a tornar publicas —sem nomes, porque logo deixámos esse pormenor aos investigadores oficiais—os casos graves que apontámos. Mas não deixa de ser interessante este desabafo—acusação do agente Reis e Sousa, ao garantir que não vive de maneira regular:—«Ainda não ganhei para predios, automoveis, fragatas, leitarias... apesar de ver isso tudo nalguns mais afortunados do que eu».

Quem são, então, os que o sr. Reis e Sousa acusa, nas entrelinhas da sua defeza? Então sempre é certo, como ontem dissemos, que ha na Policia de Investigação quem faça vida larguissima, com 600 e 700 escudos de vencimento mensal!

Aqui tem o sr. dr. Teixeira Direito uma explendida testemunha para depôr no processo em organização.

Uma pregunta:

—Que destino teve e a que conclusões levou uma celebrada sindicancia feita, em tempos, á P. I. C., diligencia de que só resultou, para o publico, o retorno, sem mais nem menos, dos incriminados aos lugares de que os haviam afastado, num assomo de justiça, logo invalidado por influencias politicas de suspeita procedencia?

Contam-se mais coisas:

Aqui ha tempos, entrou um agente da Investigação numa casa de bebidas da Baixa. Estava lá um vigarista. O agente fixou-o.

Conheceram-se.

—Andas então... no trabalhinho...

—Você não me estrague isto, que o homem está quasi a ir...

—Qual homem?!

—Aquele. Está lá o meu socio a meter-lhe o conto.

O agente olhou; viu que um companheiro do vigarista estava, de facto, na rua, a intrujar um provinciano; e acedeu a fazer vista grossa.

Dali a pouco recebia o premio:

O gatuno voltava á locanda a entregar-lhe 200 escudos com muitos agradecimentos e desculpas pela insignificancia da remuneração:

—Tenha paciencia ser tão pouco... mas o sujeito tambem era dos fracos. Vinha pouco abonado...

Outra:

Ainda recentemente, fez-se um roubo grande num estabelecimento. Foi coisa falada. Puzeram-se agentes no rastro dos ladrões e, a breve trecho, descobria-se o furto e prendiam-se os gatunos.

Apenas, concluidas as diligencias policiais, iniciaram-se outras para verificar da maneira como os agentes tinham participado do roubo tambem.

Uma frase do chefe de secção que dá a nota do acontecimento:

—Ora uma destas! Não bastava ter de descobrir os gatunos... ainda por cima tenho de descobrir quem são os policias que os roubam a eles!

O pormenor em sintese:

O roubado adeantou trez ou quatro contos de réis á Policia, para despezas que nunca se explicaram capazmente; a mãe de um dos ladrões andou a pedir por portas para arranjar 500 escudos, que os investigadores lhe exigiram, a fim de lhe «proteger» o filho; e ao fim, o dono do estabelecimento não recebeu senão uma parte minima do roubo, porque a maior estava em poder de um outro gatuno a que fôra impossivel deitar a mão.

Averiguou-se dias depois que não havia mais nenhum gatuno a prender e que todo o roubo fôra apreendido a seu tempo.

Quem foi então que arrecadou a maior parte dos objectos roubados, se os ladrões os entregaram todos á Policia, «lavando d'ali as suas mãos»?!

* * *

O agente Teixeira, um dos honrados da corporação—felizmente ainda lá os ha, que só não falam com receio de represalias—andava hoje contentissimo. Porquê? Porque conseguira safar-se do Governo Civil, passando ao quadro dos adidos.

Bebam:
«Vidago (1 e 2), Pedras Salgadas Melgaço e Sabroso»
Pedidos a
Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas
Porto--Rua da Cancela Velha, 29--Telef. 319
Lisboa--Avenida da Liberdade, 132--Telef. N. 3296
ENTREGAS IMEDIATAS

Pelos teatros

Adelina Fernandes

Na revista «Fox-Trot», que amanhã se estreia no teatro Joaquim de Almeida, no Rato, reaparece,

ADELINA FERNANDES

depois da sua «tournée» a Africa, a distinta actriz Adelina Fernandes.

A gentil artista, que possue uma voz admiravel, canta o fado como nenhuma, e vai decerto contribuir largamente para o exito da peça, da autoria de alguns dos nossos melhores revisteiros.

"O homem das 5 horas"

E' já no dia 28 que sobe á scena pela primeira vez em Lisboa, no teatro da Trindade, a interessante comedia francesa «O homem das cinco horas», que Alvaro de Andrade traduziu para a nossa lingua. Na interpretação entra quasi toda a companhia Lucilia Simões-Erico Braga, desempenhando os principais papeis alem destes dois artistas: Amelia Pereira, Irene Isidro, Joaquim Almada, Samuel Diniz Seixas Pereira.

«O homem das 5 horas» esteve no cartaz no «Theatre Royal», de Paris, mais de um ano, e no «Scala», mais de seis meses.

Atraz do reposteiro

Matos Sequeira, critico teatral do nosso colega «Diario da Tarde», escreveu ontem, a proposito da proibição da peça «La Grande Duchesse et Le Garçon d'Etage», no Teatro Nacional:

«Quanto á peça, não me escusarei a dizer que tem interesse sobre ter um segundo acto espirituosamente desaforado, sem que, todavia, a moral de 1926 possa perigar, nem maguar-se a nossa sensibilidade republicana. E vá já aqui exarada a minha estranhesa de saber ter sido ela proibida de representar-se no teatro Nacional. Proibida, porquê? Por aparecer em scena um presidente da Republica? Mas—por amor de Deus—se aqui ridiculo ali cai, não é sobre o industrial helvetico: é sobre aquele nucleo de emigrados. O que o autor fustiga, no efeito global das scenas, é o preconceito bafiento dos grã-duques, cuspindo ao falar de Prostachy, e o despreso da gran-duquesa agoniando-se com a côrte do filho da Republica. O resto são salpicos que não molham nem desafiam a providencia de um guarda-chuva moralista. Ao pé da «Dança da meia noite» Savoir é de uma inocencia biblica. Não percebo, portanto, onde se alicerçaram os escrupulos da censura oficial. Demais, a peça já a ouvimos ontem em francês, e ouvi-la em francês ou em português creio bem ser a mesmissima coisa».

—E' amanhã que se realiza no Teatro Apolo a primeira representação do drama «Os milhões do Criminoso», com os seguintes quadros: «A noite do crime», «A prisão», «20 anos depois», «Joana Fortier», «O jantar dos padeiros», «A prova do crime» e «O castigo».

—A companhia francesa Charlotte Lysés leva amanhã á scena, no teatro da Trindade, a peça «La 8me femme de Barbe Blen». No domingo efectuam-se duas recitas extraordinarias, uma «matinée» e outra no espectaculo nocturno com peças diferentes.

—Estreiam-se amanhã, no Coliseu dos Recreios, os irmãos «Latinos», que constituem, no seu genero, o primeiro numero de variedades portuguesas.

—O ilusionista Raymond apresenta-se no Eden-Teatro, amanhã, executando um novo programa em que incluiu numeros verdadeiramente sensacionais.

BARBASOL
não contem soda e é absolutamente antiseptico

SOCIEDADE MUTUA DE SEGUROS DE VIDA

"A PREVISÃO"

Séde—Largo Barão do Quintela, 3, 1.º

LISBOA

Relatorio do exercicio findo em 31 de Dezembro de 1925

Ex.mos Consocios

Em cumprimento do preceituado na Lei e nos nossos Estatutos, temos a honra de apresentar á vossa sanção e exame o relatorio das operações e resultados referentes ao exercicio findo em 31 de Dezembro de 1925.

E'-nos grato constatar que, a despeito da enormissima crise que quasi asfixia a economia nacional, ainda assim, conseguimos no decurso do primeiro ano do exercicio da nossa industria, um resultado que devemos considerar de avantajada importancia, pois conseguimos emitir 415 Apolices de seguros, representando Esc. 5.133.000$00 de capitaes seguros.

Aproveitamos a ocasião da publicação deste relatorio, para ousarmos lembrar a todos os nossos consocios a extrema conveniencia de cada um se esforçar em fazer a propaganda desta Sociedade e seus fins de mutualidade, por todos os meios ao seu alcance e junto de todas as pessoas de suas relações e conhecimento, pois, se o resultado do primeiro exercicio é lisongeiro e foi obtido sem interferencia da referida propaganda para que apelamos, o desenvolvimento da carteira desta Sociedade, sem duvida, muito se intensificaria, se cada socio pudesse e quizesse contribuir para o seu desenvolvimento.

Sendo os socios, pelo nosso Estatuto, os unicos interessados nos lucros desta Sociedade, cada um, recommendando o mais que puder as vantagens dos nossos seguros a todos os seus amigos e conhecidos, contribuirá, certamente para melhor garantir o seu futuro pelo aumento de lucros e de novas operações que, por seu intermedio trouxer para a Sociedade.

Todas as reservas necessarias foram devidamente constituidas, ascendendo o seu montante a Esc. 72 313$78.

O saldo da nossa conta de Lucros e Perdas apresenta um lucro de Esc. 16.742$44, para o qual propomos a seguinte distribuição:

Cumprimento do Art.º 25 dos Estatutos	11 380$06
» » § unico do Art.º 25 dos Estatutos	246$38
» » Art.º 14 dos Estatutos (Fundo de Reserva Legal) (Art.º 18 da Lei 21 de Outubro de 1907	2.898$58
Cumprimento do § 1.º do Art.º 15 dos Estatutos (Reserva Geral)	443$48
» » Art.º 26 dos Estatutos (Socios Fundadores)	221$74
Saldo para conta nova	1.552$20
Esc.	16 42$44

Consignando ao Conselho Fiscal os nossos agradecimentos pela sua cooperação valiosa, resta-nos agradecer tambem sinceramente o auxilio de todos os nossos colaboradores e esperar que a nossa producção de futuro mais se intensifique, para que esta Sociedade venha a ocupar o logar de destaque que merecidamente lhe pertence pelo seu objectivo de Mutualidade.

Lisboa, 4 de Fevereiro de 1926.

O Conselho de Administração

Alfredo Ernesto de Sá Cardoso
Tiago Salles
Luiz Remus
Luiz Augusto Ferreira Martins
José Duarte Ferreira
Ricardo Borges de Sousa (Director Geral)

BALANÇO GERAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1925

ACTIVO		PASSIVO	
Caixa	12 304$80	Capital	250 000$00
Depositos á ordem	94 904$66	Reserva Matematica	70 331$53
Caixa Geral de Depositos	50 000$00	Reserva de Garantia	1 982$25
Colaboradores	12 327$39	Colaboradores	779$36
Premios de Seguros	6 165$24	Comissões	2 127$94
Apolices, Selos e outras Despezas	227$11	Devedores e Credores	30 279$80
Devedores e Credores	68 162$79	Lucros e Perdas	16.742$44
Moveis e Utensilios	20 300$50		
Impressos	15 273$26		
Despezas de Organisação e Instalação	22 294$09		
Comissões a Descontar	70 283$48		
	372 243 32		372 243$32

Lisboa, 31 de Dezembro de 1925.

O Chefe da Contabilidade

Joaquim Dias.

O Conselho de Administração

Alfredo Ernesto de Sá Cardoso
Tiago Salles
Luiz Remus
Luiz Augusto Ferreira Martins
José Duarte Ferreira
Ricardo Borges de Sousa (Director Geral).

Desenvolvimento da Conta "Lucros e Perdas" em 31 de Dezembro de 1925

DESPEZA		RECEITA	
Despezas Geraes	80 606$87	Exploração de Seguros de Vida	110.398$30
Juros e Rendimentos	6 173$32		
Comissões Especiaes	6 754$57		
Despezas Colocação de Reseguros	121$10		
SALDO	16 742$44		
	110 398$30		110 398$30

Lisboa, 31 de Dezembro de 1925.

O Chefe da Contabilidade

Joaquim Dias

O Conselho de Administração

Alfredo Ernesto de Sá Cardoso
Tiago Salles
Luiz Remus
Luiz Augusto Ferreira Martins
José Duarte Ferreira
Ricardo Borges de Sousa (Director Geral)

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Ex.mos Consocios

Obedecendo ás disposições legaes vimos dar-vos o nosso parecer sobre o relatorio e contas do nosso Conselho de Administração respeitante ao exercicio findo.

Verificámos que a escrita e contas se acham devidamente arrumadas, estando todos os serviços perfeitamente mantados.

Julgamos portanto digno da vossa aprovação o relatorio e contas e bem assim a distribuição de lucros proposta pelo Conselho de Administração.

Chamamos a vossa esclarecida atenção, para a necessidade de se intensificar a producção, unica forma de preparar á nossa Sociedade o largo e prospero futuro a que ela tem direito. Devendo ser, pelo principio da Mutualidade, os nossos Ex.mos Consocios os principaes auxiliares dessa intensificação, é nosso dever solicitar-lhes o seu maior interesse para que efectuem em toda a parte e por todos os meios ao seu alcance a propaganda intensiva do nosso seguro de vida Mútuo.

E' ainda nosso parecer que nos devemos congratular com os resultados obtidos, tratando-se do primeiro exercicio duma Sociedade Mútua de Seguros de Vida, e assim terminamos por propôr um voto de louvor ao Conselho de Administração pela forma como geriu os negocios da Sociedade.

Lisboa, 12 de Fevereiro de 1926.

O Conselho Fiscal

José Maria Vasconcellos e Sá
Francisco Mendes Esmeraldo
Filipe Trullas Palet
Carlos de Vasconcellos Porto
José Martorello

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049

HOJE—A's 21,15 horas
Espectaculo sensacional — A peça
A Dança da Meia Noite
Grandioso sucesso da actualidade.

TEATRO AVENIDA TELEF. N. 4356
COMPANHIA SATANELA-AMARANTE
Hoje e sempre (A's 21,15)
O maior exito teatral da presente epoca
O Pão de ló
A caminho das 200 representações.

TEATRO DA TRINDADE Tel. T. 976
HOJE—Ás 21,15
3.ª recita de assinatura da Companhia
CHARLOTTE LYSÉS
LE ROSAIRE

Politeama Emp. Luis Pereira Telef. 3028 N.
HOJE
O grande sucesso da peça, em 3 actos, de Dario Nicodemi, tradução de Augusto Gil, com Amalia Rey Colaço no papel de Ana
A HORA IMACULADA

CABELEIREIRO DE SENHORAS
PEDIDOS TELF. 3402 N.
Vai a casa de Suas Ex.mas Clientes
Corte á garçonne e á ninon. Ondulação Marcel.
Aplicação Hennée
Penteados antigos e modernos e a noivas
Adriano Doutel Fins
R. IVENS, 26, 4.º D.to (ao Chiado)

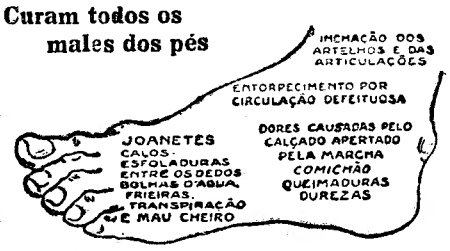
Brilhantes Grandes
sem defeito, paga se a 2.700$ para cima o quilate, cautelas do Monte-pio Geral, joias penhoradas na mesma, paga-se todo o seu valor.
Rua 24 de Julho, 60, 1.º

CARTAZ
TEATROS
Nacional=A's 21,15=«A Dança da Meia Noite».
S. Luiz=A's 21,15=«Roma Galante».
Trindade=21,15=Companhia Charlotte Lyses — «Le Rosaire».
Avenida=A's 21,15=«Pão de Ló».
Politeama=A's 21,30=«A Hora Imaculada».
Gymnasio=A's 21,30=«O Az».
Maria Vitoria=A's 20,30 e 22,30=«Foot-ball».
Salão Foz=A's 21,15=Companhia de Variedades.
ANIMATOGRAFOS
Tivoli=Avenida da Liberdade.
Olimpia=Rua dos Condes=«Matinée» e «soirée»
Chiado-Terrasse=Rua Antonio Maria Cardoso=Domingos e feriados, «matinées».
Cinema Condes=Avenida da Liberdade.
Salão Central=Praça do Restauradores
Salão Ideal=Rua do Loreto.
Cinema Gil Vicente=A' Graça=Domingos, Terças Quintas e Sabados.
Zine-Paris=Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora=Largo do Calvario.
Salão Recio=Rua do Arco do Bandeira,
Cinema Belem=Rua Paulo da Gama.
Cine Torteise=Campolide=Quartas, quintas, sabados e domingos.
Eden-Cinema=Rua do Alvito—Alcantara.

TEATRO APOLO TELEFONE N. 4129
A'MANHA, SABADO
Estreia de Palmira Torres e Ofelia Brochado na sensacional peça
Os Milhões do Criminoso
No principal papel masculino
RAFAEL MARQUES
Bilhetes á venda, sem locação.

THEATRO DO GYMNASIO
Direcção de Gil FERREIRA—Tel. T. 914
HOJE, ás 9 e meia
A engraçadissima comédia
O AZ
Notabilissimo desempenho com Palmira Bastos, Antonia Mendes, Gil Ferreira, Alegrim e Henrique d'Albuquerque nos principaes papeis

Saes «DERMOXA»
Curam todos os males dos pés



O melhor contra a transpiração
A' venda em todas as Farmacias e Drogarias.
Depositos: MARIO BRANDÃO—Rua Eugenio dos Santos, 99—Lisboa.
N. B.—Exijam os verdadeiros Saes «Dermoxa» e recusem as imitações, que não têm nenhum valor curativo.
Laboratoires J. Nante, 62, Avenue Gambetta—Paris.

Sortes grandes?
só o PINA as vende
75—Rua de S. Paulo—77

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Banco Emissor das Colónias

Séde-LISBOA—Rua do Comércio
Agência-LISBOA—Cais do Sodré

Capital Social	Capital Realizado	Reservas
Esc. 48.000.000$00	Esc. 30.000.000$00	Esc. 38.000.000$00

Filiais e Agências no Continente:—Aveiro, Barcellos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalição, Faro, Figueira da Foz, Fundão, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Pôrto, Régoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Tras-os-Montes, Vila Real de Santo António e Vizeu.

Filiais nas Ilhas:—Funchal (Madeira), Angra do Heroismo e Ponta Delgada (Açores).

Filiais nas Colónias:—AFRICA OCIDENTAL—S. Vicente de Cabo Vêrde, S. Thiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau, Bolama, Leopoldville-Est, (Congo Belga), S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Pôrto, Mossamedes e Sá da Bandeira.—AFRICA ORIENTAL—Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e Ibo.

India:—Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India Ingleza).

China.—Macau.

Timor:—Dilly.

Filiais no Brazil—Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.

Filiais na Europa—Londres—9 Bishopsgate E.—Paris—8 Rue du Helder.

Agencias nos Estados Unidos—New York—93 Liberty Street.

Operações bancárias de toda a especie no Continente, Ilhas Adjacentes, Colonias, Brazil e restantes paizes estrangeiros.

Avelino de Faria
NOTARIO
Rua Nova do Almada, 64, 1.º
TEL. C. 4367

ESTRANGEIRO

HUMAGSOLAN
Cura a calvicie e evita a queda do cabelo — Remedio de uso interno
Nas boas farmacias e drogarias
AGENTES: Wirges & Simões, Lda. R. Antonio Maria Cardoso, 23—LISBOA—Telef. 1186 C.

DE LONDRES

LORD CECIL pronunciou

um notavel discurso sobre a Sociedade das Nações

LONDRES, 23.

Respondendo na Camara dos Comuns a uma interpretação sobre a politica britanica relativamente á reorganisação do Conselho Executivo da Sociedade das Nações e ao possivel compromisso da Inglaterra ácerca da representação de outra ou de outras nações no conselho, Lord Cecil pronunciou um notavel discurso que causou a melhor impressão.

Lord Cecil declarou que o governo britanico mantem o ponto de vista de que as decisões do conselho devem ser tomadas por unanimidade de votos, sendo ainda de parecer que qualquer nova modificação do conselho, além da admissão do Reich, deve ser afastada, pois sómente ás grandes potencias devem estar permanentemente representadas no mesmo conselho.

Chamberlain

e as instruções recebidas

Lord Cecil acrescentou que tendo se modificado a situação depois das instruções dadas a *Chamberlain, em março* ultimo, o representante britanico participará dos trabalhos da comissão especial encarregada de organisar o conselho executivo da S. D. N., livre de qualquer compromisso anterior.

Lord Cecil concluiu o seu discurso, disendo que nenhum resultado será possivel sem um acordo mutuo, devendo todos os paises tentar compreender os pontos de vista dos outros e fazer, na medida do possivel, concessões compativeis com os interesses essenciais da Sociedade das Nações.—(L.)

O conflito

das minas de carvão

LONDRES, 23.

Falharam, por completo, as negociações entre os proprietarios das minas de carvão e os sindicatos mineiros, para a solução da grave crise atravessada por aquela industria.—(L.).

Chamberlain declarou, na Camara dos Comuns, que os «soviets» têm redobrado, nos ultimos tempos, a sua actividade na propaganda anti-britanica.—(L.).

Baldwin presidirá ámanhã, á reunião conjunta dos proprietarios das minas e dos mineiros.—(H.).

A Camara dos Comuns aprovou, por 328 contra 138 votos, o projecto que realiza certas economias orçamentais.—(H.).

CARTA DE HESPANHA

O que foi a Feira de Sevilha em 1926

Os portugueses fizeram-se representar na feira de Sevilha, que vem de findar, em numero inferior ao dos ultimos anos.

Esta ausencia, que póde ser explicada economicamente e não por desinteresse dada a simpatia lusitana pela feira visinha, justifica a informação, para os que lá não fôram este ano, do que foi a feira de Sevilha em 1926.

Não teve esta feira a honrá-la a presença da Rainha nem mesmo a da Infanta Maria Luísa, que está passando, em Cannes, o luto por seu irmão, o Duque de Orleans. Foi, portanto, uma feira democratica, democratica e castiça, em que as mulheres vestiram saias rodadas de cigana e «pañolons» sevilhanos, e os homens fatos «córtos» e chapeus largos. Os automoveis fôram quasi banidos das manhãs da feira e substituidos por «coches» andaluzes de três «tiros» á «jerezana» e por cavaleiros levando formosas sevilhanas nas garupas.

A ciganagem e os marchantes diziam, na tipica rua dos postos de vinho e de azeitados «churros», que o mercado de gado, bovino e lanigero, foi mais animado que o de anos anteriores, não acontecendo o mesmo com o cavalar, fraco em cavalos de preço, domados e de ferro, e pobre de transacções para os galegos e valencianos, que deixaram a mercadoria por qualquer preço para não sofrerem maior prejuizo, fazendo-os regressar ás suas longinquas procedencias.

As «casétas», ofereciam pela noite, animado aspecto, bailando-se «sevilhanas» e oferecendo-se «manzanilla» aos forasteiros que andavam gosando as iluminações da feira e todo o seu animado conjunto.

E vamos ás corridas de touros. Estes, fôram por ordem de lide: de Antonio Urquijo (antes Rincon), negros na generalidade, «terciaditos» com cabeça e bravitos.

De D. Carmen de Federico (antes Moruve), negros e negros enterpelados, gordos, bem apresentados, bravos. Do Marquez de Guadalest, berrendos em negro, de mais arrobas que os anteriores mas «mulos», com glosopeda e outras «qualidades».

E, finalmente, os fatidicos Miuras, «coloraos», e berrendos, grandes e mansos, reparados da vista, etc.

«Chicuelo» marcou o legitimo direito a herdeiro de Rafael «El Gallo» numa «faena» rafaelina ao segundo de Rincon, parado, erguido, artista, em varios «quites» genia's nos Moruves e nos Guadalest e, para total legitimidade, nos três «avisos» que ouviu no ultimo Miura, «apuntillado» a laço por não querer recolher com os mansos.

E' justo confessar que este touro foi o autentico Miura dificil, com a agravante de ser burriciego, buscando o vulto e dando cem investidas por minuto.

Valencia II quiz manter os creditos do que gosa em Sevilha desde que toureou com o malogrado Maera, uma inolvidavel corrida da Imprensa.

Para isso recorreu a uma forçada valentia encobridora das suas insuficiencias de «muletero». Matou bem o seu primeiro de Moruve, e apertou-se nalguns «quites» na mesma tarde. Com os Miuras fracassou ruidosamente, sem as desculpas do genial Chicuelo.

Antonio Posada decidiu-se a preparar a época que entra com uma actuação brilhante de toureiro fino e atingindo o exito na corrida dos Miuras, em que cortou uma orelha concedida carinhosamente.

Villalta foi recebido pelos sevilhanos com geral «cachondeo» e alcunhado, pela sua exotica figura e etapafurdio nome, de: «Villalta», «Tubo de la risa», «Plus Ultra», etc. Os que um dia o vimos no touro em que póde dar o «paron» e exibir a sua magica «muñeca», esperavamos, confiados e tranquilos, a hora do triunfo em que todos se entregariam. E a hora chegou na «hora dificil», num Miura, que não era o ideal porque começou «mansurreando», mas que, por ser o ultimo, era a derradeira ocasião para o «baturro» valente calar as «bromas» dos sevilhanos.

E vimos então a «faena» de Villalta», uma faena em que touro e toureiro se confundem, terminando numa estocada definitiva. E não foi só a apregoada mão direita do «maño» porque a primeira parte foi feita com a esquerda, por «naturaes» e de «peito», parando e mandando! E veiu a entrega, e veiu a orelha, as voltas á praça, as ovações indiscriticeis, as saudações no centro da praça, repetidas e obrigadas e o trifundo definitivo de Villalta, na maior «faena» da feira de Sevilha de 1926.

EL TERRIBLE PEREZ

DE FRANÇA

PARA A PAZ em Marrocos

continuam a ser ouvidos os principais politicos franceses

PARIS, 23.

Pela comissão senatorial dos negocios estrangeiros foram ontem ouvidos Briand e Peret, ácerca das negociações para a paz em Marrocos.

Briand manifestou o mais completo optimismo, confirmando ser absoluto o acôrdo entre a Espanha e a França, e declarou ser possivel prever-se uma breve solução da guerra marroquina.

Referindo-se á consolidação das dividas de guerra aos Estados-Unidos, o sr. Briand afirmou ter toda a esperança na proxima assinatura do respectivo acôrdo.—(L.).

Herriot

vai chefiar o seu partido?

PARIS, 23.

No decurso duma reunião do «comité» executivo do partido radical socialista, um dos seus membros pediu que Herriot abandone a presidencia da camara dos deputados e tome a direcção efectiva do partido.

Herriot pediu que a dita proposta fosse retirada, o que o seu autor realizou.—(L.)

PARIS, 23.

Pela comissão de finanças da Camara dos Deputados foram ratificadas quasi todas as alterações introduzidas pelo Senado no orçamento das receitas.—(L.)

Excursão a Lourdes, Paris e Bruxellas
Visita a Versailles. Partida no dia 16 e regresso a 28 de maio, 2 dias em Lourdes, 5 em Paris e 2 em Bruxellas em comboio rapido 2.ª classe com todas as despezas pagas, hoteis, teatros, museus, etc.—Informações, programas e inscrição na **Alfaitaria Arcada de Londres,** Rua dos Fanqueiros, 302 304 e **Sapataria Gentil,** Calçada Marquês de Abrantes, n.º 8—LISBOA.—Preço 2.000$00.

CINEMA CONDES
HOJE AS 20 HORAS
Estreia do maravilhoso «film» d'arte
O Templo de Venus
super-produção em 6 actos. Evocações mitologicas por
Mary Philbin
e 1.000 belezas americanas
Em pleno sucesso a comedia em 4 actos
Vida de cão
pelo grande artista comico Charlot
Os 4.º e 5.º episodios da super-série
OS LOBOS DO NORTE
por William Duncan
Revista Mundial 313
AMANHÃ:
Policia portuguesa

Fumem os excelentes cigarros
KRYSTAL

Policlinica DA RUA DO OURO
Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º
Telefone N. 5353
Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—5 h.
Cirurgia geral, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 h.
Rins, vias urinarias—Dr. Miguel Magalhães—10 h.
Pele e sifilis—Dr. Correia de Figueiredo—12 e 5 h.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 h.
Doenças dos olhos—Dr. Mario de Mattos—2 h.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mario Oliveira—1 h.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Bello—3 h.
Doenças das senhoras—Dr. Emilio Paiva—2 h.
Doenças das creanças—Dr. Filipe Manso—12 h.
Tratamento da diabetes—Dr. Ernesto Roma—5 h.
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 h.
Cancro e radio—Dr. Cabral de Melo—4 h.
Raios X—Dr. Aleu Saldanha—4 h.
Analises clinicas—D. Gabriela Beato—4 h.

Garage Monumental
::: A maior do País :::
Comporta 800 carros
Recolha de carros a Esc. 60$00—Gazolina: Litro 2$20
Lavagem de carros aos clientes mensais
Esc. 4$500 cada
Avenida Alvares Cabral (ao Rato)—Telefone N. 4949

O TAXI LE ZEBRE
DA COOPERATIVA «A LUZITANA»
E' O REI DOS TAXIS
Preferido sempre pela sua comodidade e elegancia. Apezar de ser o mais luxuoso, a sua tabela é a minima, aprovada pela C. M. L.
Pedidos ao telefone N. 3616

BARBASOL
cura e evita o cieiro e as irritações na cara provocadas pelo uso de sabões.

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES
Monitor da clinica de Necker—Paris
RINS e vias urinarias. Venereologia e sifilis
R. N. de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 h.
TELEFONE 5205-N

CIMENTO
AUDAZ» e «TENAZ
Qualidade garantida para trabalhos de responsabilidade
UNICOS DEPOSITARIO
Mello da Silva, Limitada
Rua Nova do Almada, 24-1.º D.
LISBOA
Telefone 587 Telegram...

MADAME
Diga ás suas amigas para comprarem os chapeus só na
MANON
R. João Crisostomo, 115, 1.º
Telefone Norte 5551

ULTIMAS NOTICIAS

Dr. Gustavo de Medeiros e Almeida
Doenças d'ouvidos, nariz e garganta
CONSULTAS DAS 3 ás 5
Avenida da Liberdade, 12, r/c.
(Terças e sextas-feiras)

NO CHIADO

Reunião misteriosa de diversos oficiais a que tambem assistiu o director da P. S. E.

Esta manhã ía uma algazarra medonha a um canto da Brasileira do Chiado. Oficiais de varias armas e varias côres conversavam ruidosamente com alguns antigos camaradas a quem a vida apaisanou.

Atraídos pelo ruido, acercámo-nos do grupo.

—Isto é capaz de ser conspiração!...

Os boateiros da Brasileira pensaram isto, e pensaram-no com certa razão, se atendermos a que no grupo estava o incorrigivel conspirador realista Julio da Costa Pinto...

A entrada no café do director da P. S. E., veiu reforçar as suspeitas. Mas qual não foi o espanto de todos quando vimos o capitão Teodorico dos Santos abancar e acamaradar no paleio.

—Aqui ha coisa...

E havia, realmente, qualquer coisa de curioso:

Treze meninos da Luz, do curso de 1895/1902 — o capitão Teodorico, o major Correia Velhinho, o director do P. A. M., major Julio Cesar de Carvalho Teixeira, os antigos oficiais Julio da Costa Pinto e Antonio Parreira, o antigo director do Asilo Maria Pia, Mario de Alemquer, o professor Diogo do Carmo Reis, o capitão Monção Soares, o major Julio Augusto de Oliveira, o engenheiro Jorge Arsenio de Oliveira, o capitão D. José Inacio de Castelo Branco, o poeta Sant'Iago Presado e o capitão Mario Gomes da Silva — resolveram reunir hoje, para confraternisar. Para isso veiu cada um de sua terra, na mesma aspiração de reviver o saudoso tempo da meninice.

E estabeleceu-se o programa, que conseguimos obter, e que se iniciou por uma missa na Encarnação, sufragando a alma do unico condiscipulo falecido, José Braz de Campos.

A seguir á missa, realizou-se nova reunião, depois da qual cada um almoçou onde lhe agradou, prescrevendo o programa cautela com «os efeitos demasiados dos solidos e dos liquidos».

Depois, foi a visita ao general Morais Sarmento, antigo director do Colegio Militar; a assistencia, no Colegio, ás aulas dos antigos professores, coroneis Almeida e Costa, e um pequeno discurso.

A' noite, irão todos ao teatro, depois do que se realizará, no *Monumental*, «um jantar-ceia de duração ilimitada», em que «será permitido a cada um dar largas á sua guloseima e ao seu espirito, comtanto que não dê escandalo publico nem incomode os parceiros».

Trata-se, como se vê, duma interessante e inofensiva comemoração, sem qualquer das terriveis intenções que a principio os boateiros da *Brasileira* lhe emprestaram...

O hidro-avião "Sagres"

deve largar amanhã para os Açores

O «Patrão Lopes» informa de que se está atestando de carvão para seguir para Ponta Delgada, afim de servir de navio apoio ao hidro-avião «Sagres», que deve levantar amanhã vôo do Funchal para os Açores.

O «destroyer» «Vouga» comunicou o serviço que fez de pesquiza. Este navio que se encontra no Funchal, foi mandado regressar a Lisboa.

A manifestação que devia realizar-se hoje, ficou adiada para domingo, as 15 horas.

BARBASOL
Poupa tempo e dinheiro.
O melhor café é o d'«A Brazileira»—LISBOA

A TARDE PARLAMENTAR

O criterio das oposições na questão dos tabacos FOI ACEITE PELA CAMARA

Anuncia-se uma sessão agitada.

Lá fóra negoceia-se. Procura-se arranjar uma plataforma que permita renovar, com caracteristicas de normalidade, os trabalhos parlamentares. Por banda da maioria, o sr. Vitorino Guimarães; por banda das oposições, os srs. Alvaro de Castro e Jorge Nunes.

A questão está neste pé: se o grupo democratico e a mesa persistem na sua atitude, dando como aprovado o requerimento Antonio José Pereira, a Camara não mais funcionará. Os oposicionistas, desejosos, embora, de chegar a um acordo, declaram não poder aceitar o presidente que o sr. Rodrigues Gaspar quere pôr. Julgam mesmo que isso é essencial para a sua vida politica.

Nos corredores dizia-se, ao começo da tarde, que o sr. Marques Guedes se encontrava demissionario e aberta a crise do governo.

E ás quatro em ponto o sr. dr. Marques Guedes entrava na sala das sessões desmentindo assim os boatos postos a correr.

* * *

Lidos a acta e o expediente, usa da palavra o sr. Cunha Leal.

Protesta contra violencias de caracter eleitoral praticados no norte, censura a acção do administrador geral dos Caminhos de Ferro do Estado e condena as atitudes assumidas pelo administrador de Montalegre.

Vai grosso barulho nos corredores. Ha uma multidão que deseja entrar, mas a quem a entrada não é consentida.

Protesta-se, vocifera-se, impreca-se. A Guarda Republica acorre. Mas a vozearia continua.

Até á galeria da imprensa chega a informação de que se encontrou uma plataforma que conciliará os desejos das oposições com o criterio da maioria. Aguarda-se, com ansiedade, a hora de passar á ordem do dia.

* * *

O sr. Filomeno da Camara:

—Serenamente desejo levantar afirmações que no final da sessão de ontem produziu o chefe do governo. O sr. Antonio Maria da Silva, pelas suas atitudes, tem diminuido o prestigio parlamentar e tem consentido que se chegue a situações verdadeiramente calamitosas.

O chefe militar do 18 de Abril, apesar de desejar aparentar serenidade, fala nervosamente:

—Eu disse, e mantenho, que se o sr. dr. Duarte Leite deixasse a embaixada do Rio, se abriria uma vaga que daria muitas e interessantes facilidades para o partido democratico.

E acrescenta:

—Em materia de elevação eu não receio qualquer confronto com o sr. presidente do ministerio. Ninguem se póde queixar de eu ter sido incorrecto. Nunca chamei incorrecto ou malcreado a qualquer membro do Executivo ou do Legislativo. O sr. Antonio Maria da Silva tem responsabilidades a que não sabe corresponder.

E conclue:

—O sr. Antonio Maria da Silva entendeu que eu era a cabeça de turco sobre a qual podiam recaír as consequencias da infeliz tarde que teve ontem em S. Bento. Enganou-se. Eu exijo que sejam correctos para mim. Pelo menos, correctos.

* * *

Chegou a correr nos Passos Perdidos que estava iminente um duelo entre o comandante Filomeno da Camara e o chefe do governo. O boato, ao que parece, não tem fundamento.

* * *

O sr. Guilhermino Nunes levanta algumas das acusações feitas pelo sr. Cunha Leal, relativamente ao circulo de Chaves e á acção das autoridades ali.

—O sr. Cunha Leal foi o mais votado dos candidatos por esse circulo. Não tem, portanto, qualquer razão de queixa.

* * *

O sr. presidente do ministerio dá explicações:

—Evidentemente eu não posso trazer para esta cadeira as caracteristicas que mantenho na minha cadeira de deputado. Mas como «quem não se sente não é filho de boa gente», en não esperava que o sr. Filomeno da Camara viesse com um áparte que queria dizer que eu tinha menos consideração pelo sr. dr. Duarte Leite.

* * *

O sr. Cunha Leal muito exaltado:

—A questão está posta nestes termos: ou se faz em Chaves um recenseamento em ordem, ou nós não deixaremos de protestar. As explicações que me fôram dadas não satisfazem.

* * *

Dando explicações e apresentando algumas propostas, fala o sr. ministro das Finanças. A crise, portanto, ainda não é um facto.

Entre o sr. Cunha Leal e o sr. Guilhermino Nunes trava-se um vivo dialogo ainda a respeito das coisas eleitorais de Chaves.

E o sr. ministro da Instrução envia para a mesa uma proposta criando o Instituto dos Filhos dos Professores Primarios.

* * *

Por volta das 17 horas o sr. presidente anunciou que estava em discussão a acta. Ninguem pediu a palavra e passou-se á ordem do dia, iniciando sobre ela as suas considerações o nacionalista sr. Rafael Ribeiro.

Como se vê, estabeleceu-se o acordo para que a discussão prosseguisse através um triunfo das oposições, que conseguiram fazer desaparecer o requerimento que déra origem ás discussões tempestuosas de ontem.

SPORTING-CLUB
R. Jardim do Regedor, 37, 1.º
HOJE — Baile com brindes a todas as senhoras
Serviço de restaurant toda a noite
Jantares e ceias completas—12 esc. e 10 esc.

200 CONTOS!

Começou esta tarde o julgamento do fiscal do Jardim Zoologico acusado dum roubo

No 2.º distrito do Tribunal da Boa Hora, está se realisando o julgamento de Artur Mario Barbuda da Silva, ex-fiscal do Jardim Zoologico, acusado de ter defraudado esta prestimosa instituição em cêrca de 200 contos. A acusação particular está confiada ao sr. dr. Ramada Curto e a defesa ao sr. dr. Orlando Marçal.

O réu apresenta-se vestido de «frak».

O juiz, sr. dr. Julião Sarmento, passa a interrogá-lo:

—E' acusado do crime de abuso de confiança.

—Nego!

O dr. Orlando Marçal começa por ditar a contestação de defeza em que declara que a acusação movida contra o seu constituinte é alimentada por criaturas que com o pleito nada têm, directa ou indirectamente.

E' chamada a primeira testemunha de acusação, Victaliano Falcão Barros, que depõe durante duas horas.

O delegado do Ministerio Publico:

—Quais eram as funções do reu no Jardim Zoologico?

—As de fiscal e de caixa. E, assim, era o reu que encomendava os bilhetes na tipografia e os recebia desta, para, por sua vez, os entregar na bilheteira.

—Como suspeitou do roubo de que estava sendo vitima o Jardim Zoologico?

—A bilheteira pediu-me uma vez para eu a substituir um bocado, para sair um pouco mais cedo. Nessa ocasião, vi a um canto um embrulho, que por curiosidade abri, tendo verificado que ele continha dois maços de bilhetes por numerar. Imediatamente comuniquei as minhas suspeitas ao inspector e ao fiel do Jardim, que não quizeram dar-lhe credito.

O sr. dr. Ramada Curto, instando a testemunha:

—O réu era amigo ainda da bilheteira?

—Mantinha relações muito intimas com ela...

—Pelo que é de crer que não foi o hipopotamo que roubou os bilhetes!...

O sr. dr. Orlando Marçal, com certo ar de triunfo:

—Quanto tempo foi empregado do Jardim?

—3 meses!

—Então de quem suspeitou a primeira vez?

—Da bilheteira.

—E porque não havia de ser outra pessoa, esta com a bilheteira?

—Eu já disse ao sr. Ramada Curto o que pensava sobre o assunto.

—Bem sei! Mas é que o sr. Ramada Curto tem outra maneira de bandarilhar, muito diferente da minha...

O dr. Ramada Curto:

—Olé! Olé!

A audiencia continua.

Augusto Gomes está sendo interrogado na Boa-Hora

O juiz sr. dr. Magalhães de Barros está interrogando, a hora a que fechamos o nosso jornal, o assassino da actriz Maria Alves, sôbre o caso das joias. O interrogatorio já dura ha cêrca de 3 horas.

O patio da Boa Hora encontra-se cheio de curiosos.

A morte de Machado Santos

O sr. dr. Alexandre de Albuquerque, adjunto do director da P. I. C., já iniciou as suas investigações ácêrca da cumplicidade de Augusto Gomes, na morte do almirante Machado Santos.

Ao que parece, aquele magistrado vai á Penitenciaria de Coimbra ouvir o «Dente de Ouro» e os seus companheiros da «companhia fantasma».